

# FALA, VITÓRIA! - A VARIAÇÃO DO IMPERATIVO EM VITÓRIA/ES E SUA POSIÇÃO NO CENÁRIO NACIONAL

Elaine Meireles Evangelista  
UFES  
Vitória, Espírito Santo, 29075-910, Brasil  
[\[meirelesevangelista@hotmail.com\]](mailto:meirelesevangelista@hotmail.com)

## RESUMO or ABSTRACT

Este artigo analisa os resultados sobre a alternância no uso do imperativo gramatical na cidade de Vitória/ES, no que diz respeito às formas contemporaneamente associadas ao modo indicativo (*fala/olha/deixa/diz*) ou ao modo subjuntivo (*fale/olhe/deixe/diga*) em enunciados afirmativos e negativos da fala e da escrita, no contexto exclusivo do pronome *você*. Os quatro *corpora* analisados nos deram uma visão mais ampla das tendências acerca do uso do imperativo no português brasileiro. O principal objetivo deste estudo é verificar qual o alinhamento do uso do imperativo da cidade de Vitória no contexto nacional e contribuir para o mapeamento do imperativo no Brasil.

## 0 INTRODUÇÃO

A língua permeia toda a vida social e, em função disso, é naturalmente dinâmica, apresentando variedades que se manifestam e se desenvolvem em diferentes contextos de usos. Essa é a concepção da Sociolinguística Variacionista, modelo teórico que nasceu da tentativa de se compreender a relação entre língua e sociedade e por isso se ocupa da observação e análise de fatores estruturais e sociais que motivam as formas distintas ou variantes de uso da língua. A Teoria da Variação concebe a língua como um sistema heterogêneo e variável. Nessa abordagem, os estudiosos analisam a variação e a mudança linguísticas e sua correlação com os fatores linguísticos e socioculturais.

Assim, à luz da Teoria da Variação Linguística de base laboviana, que surgiu nos Estados Unidos na década de 1960 com os estudos pioneiros de Weinreich; Labov; e Herzog (1968) e de William Labov (1975), analisamos a variação de uso do imperativo gramatical no português na cidade de Vitória/ES, no que diz respeito às formas contemporaneamente associadas ao modo indicativo (*fala/olha/deixa/diz*) ou ao modo subjuntivo (*fale/olhe/deixe/diga*) em enunciados afirmativos e negativos no contexto exclusivo do pronome *você*. Nosso principal objetivo é verificar qual é o alinhamento do uso do imperativo da cidade de Vitória no contexto nacional e também contribuir para o mapeamento do imperativo no Brasil, haja vista a escassez de estudos sociolinguísticos no estado do Espírito Santo.

Neste estudo, para o tratamento quantitativo, os dados foram submetidos ao programa Varbrul, em especial ao Goldvarb X (PINTZUK, 1988; SANKOFF, 1988; SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005; MOLLICA & BRAGA, 2003; TAGLIAMONTE, 2006; GUY & ZILLES, 2007).

## 1 O IMPERATIVO GRAMATICAL NA CIDADE DE VITÓRIA

Em nossa pesquisa, utilizamos quatro *corpora* para analisar o uso do imperativo na cidade de Vitória/ES constituído de 34 entrevistas do projeto “Português Falado na Cidade de Vitória - PortVIX”, da Universidade Federal do Espírito Santo – entrevistas labovianas (YACOVENKO, 2003); propagandas e títulos de colunas de dois jornais impressos locais, A Tribuna e A Gazeta –

escrita sem formato de diálogo; tirinhas de Marly, a solteirona, personagem capixaba criada pelo cartunista e escritor Milson Herinques há mais de 30 anos – escrita com formato de diálogo; e fala da mídia televisiva em dois programas locais, Balanço Geral e Tribuna Notícias.

Nossos resultados confirmaram algumas tendências já reveladas em estudos anteriores sobre a alternância de uso do imperativo gramatical no português brasileiro. Sendo assim, a seguir, relataremos os resultados mais expressivos de nossa pesquisa e os que confirmam essas tendências.

Tendo em vista nosso objetivo de verificar qual a posição da cidade de Vitória no cenário nacional, consideramos oportuno e relevante fazer uma análise comparativa entre as capitais Vitória/ES, Rio de Janeiro/RJ e Salvador/BA. Esse interesse se justifica pelo fato de o estado do Espírito Santo estar situado geograficamente, seguindo a linha do litoral, entre estados antagônicos no que diz respeito ao uso do imperativo gramatical: os estados do Rio de Janeiro e o da Bahia, região Sudeste e região Nordeste, respectivamente.

Para explicitar este antagonismo, faremos uma comparação dos nossos resultados com os resultados obtidos na pesquisa empreendida por Sampaio (2001): “Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo”, em que analisou dados de fala das cidades do Rio de Janeiro/RJ e de Salvador/BA (TABELA 01).

TABELA 01 - Frequência de uso do imperativo associado à forma indicativa (*olha/vem*) – dados de fala das cidades de Vitória/ES, Rio de Janeiro/RJ e Salvador/BA (SAMPAIO, 2001)

Localidade	Nº de ocorrências/Total	Porcentagem
Vitória/ES (Sudeste)	260/266	97%
Rio de Janeiro/RJ (Sudeste)	243/258	94%
Salvador/BA (Nordeste)	136/479	28%

Esse resultado mostra o perfeito alinhamento de Vitória/ES com o Rio de Janeiro/RJ: em ambas as cidades os percentuais indicam um estágio de mudança adiantado, devido à quase categoricidade no uso do imperativo associado à forma indicativa. É interessante observar que apesar de a cidade de Salvador usar basicamente o

pronome você, e não o tu, como pronome de segunda pessoa do singular, o percentual de imperativo associado à forma indicativa é 28% na capital da Bahia, muito diferente do encontrado da capital do Espírito Santo, que também é contexto exclusivo de você. Esse percentual suscita uma curiosidade a respeito do uso do imperativo nas cidades do Espírito Santo que fazem fronteira com o estado da Bahia, curiosidade esta que pode ser satisfeita com pesquisas futuras.

Em relação a outras capitais, os resultados de diversas pesquisas revelam um recorte geográfico quanto ao uso do imperativo. Temos de um lado a região Nordeste, em que predomina o imperativo associado à forma subjuntiva. De outro lado as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, nas quais predomina o imperativo associado à forma indicativa, com percentual acima de 90%.

Vale frisar que a comparação feita foi com base nos resultados de pesquisas feitas em capitais e, portanto, não devem ser entendidas como representação do uso do imperativo dos estados como um todo, que podem não se comportar da mesma forma que as respectivas capitais.

Nas 34 entrevistas do PortVIX, dos fatores controlados, sexo/gênero, escolaridade, faixa etária, discurso reportado, vocativo, marcador discursivo e polaridade da estrutura, somente este se mostrou estatisticamente significativo.

Esse fator releva uma tendência da polaridade negação pré-verbal em confirmar a tradição gramatical, que prevê nas estruturas de negação pré-verbal apenas o uso do imperativo associado ao subjuntivo. A frequência de 98% do imperativo na forma indicativa em construções afirmativas e de 82% do imperativo na forma indicativa em construções de negação pré-verbal mostram que estas últimas construções desfavorecem relativamente o uso da forma associada ao indicativo.

Esse resultado ratifica a estrutura negativa pré-verbal como um forte fator de restrição ao uso do imperativo associada à forma indicativa, fato já atestado pelas pesquisas feitas em outras localidades.

Sampaio (2001, p.111-112), em pesquisa em dados do Rio de Janeiro/RJ, verificou que a estrutura negativa indica um expressivo desfavorecimento do imperativo associado à forma indicativa, com peso relativo de 0,12. Nos dados de Salvador/BA, os percentuais de 20% de uso da forma associada ao indicativo e de 80% associado à forma subjuntiva em estruturas negativa, não foram estatisticamente significativo. Entretanto, em termos de tendências, esses resultados reforçam a estrutura negativa como um forte fator de restrição de uso do imperativo associado à forma indicativa (SAMPAIO, 2001, p.96-97).

Resultados semelhantes foram obtidos nos dados da cidade de Campo-Grande/MS, ainda que não estatisticamente significativos, apontaram tendências verificadas em outras pesquisas, isto é, a de que a estrutura negativa pré-verbal tende a desfavorecer o uso do imperativo associado à forma indicativa (LIMA, 2005, p.80).

Os resultados reafirmam que mesmo um ambiente de quase invariância, como o caso de Vitória/ES, a negação pré-verbal confirma-se como um fator desfavorecedor do imperativo associado à forma indicativa.

No Brasil, as pesquisas acerca desse fenômeno têm sido feita em textos escritos sem formato de diálogo por Scherre et alii. (1998) e Scherre, Andrade & Melo (2008); e na escrita com a presença de diálogo por Scherre (2003; 2004;

2008)<sup>1</sup>, Cardoso (2004) e Andrade, Melo & Scherre (2007) com o propósito de fazerem análises sobre a inserção da variação de uso do imperativo gramatical no texto escrito.

Na análise da escrita também confirmamos algumas regularidades que apontam tendências no que diz respeito ao uso do imperativo no português brasileiro. Nossa amostra se constituiu de textos escritos sem formato de diálogo e textos escritos com formato de diálogo. Vale ressaltar que o contexto discursivo dos dados a escritos analisados é também exclusivamente o do pronome *você*, uma vez que na amostra não encontramos o pronome *tu*.

Os dados que apresentaram o imperativo associado à forma indicativa na escrita sem formato de diálogo confirmam pesquisas já realizadas por Scherre (2003; 2004; 2007; 2008), nas quais se constatou que o uso do imperativo associado à forma indicativa ocorre predominantemente quando da presença das âncoras discursivas (presença de um vocativo e ou a de pontos de exclamação).

Tomando como exemplo a figura 01, se empregássemos a forma associada ao indicativo: “Nota fiscal. Pede sempre”, haveria a possibilidade de preenchimento do sujeito com o pronome *ela*, o que levaria a uma leitura assertiva e não diretiva, ou seja, a estrutura poderia ser entendida como indicativa, uma vez que no imperativo essa posição permanece apagada (SCHERRE et alii., 2008). Já a frase “Me dá, me dá, me dá a nota!” é um *jingle*, isto é, um slogan que tem como foco a sedução do destinatário, ou seja, são estratégias construídas para seduzir o público-alvo<sup>2</sup>.



Figura 1: Propaganda do governo do estado do Espírito Santo para incentivar a emissão de notas fiscais (2010)

Com base nos resultados, confirmamos que o uso do imperativo associado à forma indicativa (*fala/dá/ven*) na escrita sem formato de diálogo é constatado predominantemente na presença das âncoras discursivas, nos termos de Scherre (2007, p.213) e Scherre et alii. (2008): vocativos, exclamações, balões, rimas, ícones. E que na escrita sem diálogo há predominância do imperativo associado à forma subjuntiva (*fale/dê/venha*), o que segundo Scherre et alii. (1998) se deve a uma questão

<sup>1</sup> Scherre (2005, p.123-125) faz uma síntese de diversos trabalhos desenvolvidos por alunos da UnB em 2000 e 2002, quando se iniciaram os trabalhos sobre a variação do imperativo na escrita com diálogo.

<sup>2</sup> CARRETA, Álvaro Antonio. A forma da canção nas esferas discursivas. In: **Estudos Linguísticos**. São Paulo 37 (3) 17-24, set-dez. 2008. Disponível em: <[http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL\\_V37N3\\_02.pdf](http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N3_02.pdf)> Acesso em 15 Mar. 2010.

sintática, pois esta forma garantiria a interpretação do imperativo, impedindo, conseqüentemente, uma eventual interpretação assertiva.

Embora nossos dados não sejam muitos, a análise mostra que a maior ocorrência do imperativo associado à forma subjuntiva em texto sem formato de diálogo talvez se deva a razões sintáticas, ou seja, pela possibilidade de preenchimento da posição de sujeito se o imperativo estivesse na forma indicativa, fato atestado, como já dito anteriormente, por Scherre et alii. (1998, 2000); Scherre (2002, 2003, 2004, 2006, 2007). Contudo, ainda não podemos atestar até que ponto é possível dissociar a alternância do uso imperativo da questão da escolha do pronome sujeito. Paredes e Silva; Santos; Ribeiro (2000) em seu estudo sobre a variação na segunda pessoa, o pronome sujeito, e a forma do imperativo levantam a hipótese de o imperativo ter aparecido antes do uso do *tu* explícito na fala carioca. Fica claro que a relação entre o uso do imperativo e a escolha do pronome sujeito é um assunto ainda a ser pesquisado.

TABELA 02 - Análise quantitativa do uso do imperativo em função das âncoras discursivas: textos escritos sem formato de diálogo nos dados de Vitória/ES

Forma associada ao indicativo	Número de ocorrências/total	Pesos relativos
Com âncoras discursivas	8/10	0,98
Sem âncoras discursivas	2/58	0,33
Total	10/68	

O resultado da análise dos dados das tirinhas *Marly* não atendeu nossa expectativa: de que houvesse ocorrido uma mudança na escrita com formato de diálogo, refletindo uso do imperativo observado na fala da cidade de Vitória/ES. Mesmo diante desse fato (apenas 36% de imperativo associado ao indicativo), o interessante foi perceber que *Marly* se configura, no que diz respeito ao imperativo, como a personagem feminina mais capixaba das tirinhas, pois o peso relativo de estruturas imperativas associadas ao indicativo na voz desta personagem foi de 0,560, em oposição ao peso relativo na voz da personagem *Creuzodete*, de 0,252. Contudo, o peso relativo 0,826 na fala do papagaio Prepúcio, embora com poucos dados, também reflete a fala capixaba, até mais que a própria *Marly*. Fato que merece ser pesquisado futuramente com mais dados.

- (1) “Xumbrega! Me **DEIXA** em paz! Tenho compromisso com Obama, com o Obama, tom Cruise, Amaro Lima, O Brad Pit!” (*Marly*)
- (2) “*Marly*, **FAÇA** plástica e **FIQUE** linda! **LEVANTE** o nariz, **ALISE** o pescoço, **PUXE** os olhos...**LEVANTE** os peitos, a bunda, **ENCOLHA** a barriguinha e...” (*Creuzodete*)

Ao analisar a mídia televisiva, nossa hipótese era a de que o estilo mais ou menos popular do telejornal seria uma variável estatisticamente significativa no uso das variantes do imperativo: mais popular, mais imperativo na forma indicativa (*fala/ven*); menos popular, mais imperativo na forma subjuntiva (*fale/venha*).

Todavia, essa hipótese não se confirmou, pois os resultados percentuais são praticamente iguais nos dois

programas: *Balanço Geral* (estilo mais popular) com 42%; e *Tribuna Notícias* (estilo menos popular) com 41%. Além disso, esta variável não foi considerada estatisticamente significativa.

O fator que mais influenciou nos resultados foi a presença do diálogo, favorecendo fortemente o imperativo na forma indicativa: 86%, com peso relativo de 0,925. Na ausência de diálogo, o percentual foi de 18%, com peso relativo de 0,208 de imperativo na forma associada ao indicativo. Diante desses fatos, revolvemos fazer uma tabulação cruzada entre os programas e o fator presença/ausência de diálogo.

Os resultados foram contundentes nos dois programas com uma diferença entre os dois fatores bastante significativa: um percentual de cerca de 86% na presença de diálogo e um percentual da ordem de 18% na ausência de diálogo em relação ao uso do imperativo associado à forma indicativa. Em síntese, verificamos que a presença do diálogo é um fator mais forte que o tipo de telejornal, ou seja, em relação à média de 42%, ambos os programas apresentam aumento de forma imperativa associada ao indicativo na fala com diálogo de 81%, no *Balanço Geral*, e 100%, no *Tribuna Notícias*, e diminuição na fala sem diálogo, respectivamente, com 22% e 5%.

Isso mostra que nas situações de evento de fala com maior presença de diálogo, maior é a probabilidade de uso do imperativo associado à forma indicativa e quanto menor a presença de diálogo, menor o uso de formas imperativas associadas ao subjuntivo. Esse fato foi levantado por Lima (2005) quando controlou o traço de formalidade de evento em estudo sobre o imperativo gramatical na cidade de Campo Grande/MS. Nesse estudo, a hipótese da autora foi refutada, a de que o que estaria em jogo seria o traço [+formalidade] do evento de fala. Lima (2005) controlou a variável [+/-] formalidade de eventos de fala em programas da mídia televisiva e de rádio, cultos religiosos e em aulas do ensino fundamental, médio, superior e aulas não institucionais (aula de informática e de escola bíblica). O resultado foi interessante, pois pesquisadora percebeu que os programas televisivos, independentemente do traço de [+formalidade], tendem a desfavorecer o uso do imperativo associado à forma indicativa. A autora percebeu que o que estava em jogo na variação do imperativo gramatical nos eventos acima era a maior presença de diálogo (LIMA, 2005, p.54-56).

## 2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossos resultados confirmam alguns fatos já revelados em outras pesquisas e traz resultados novos na análise dos dados da mídia televisiva.

No aspecto geográfico, os resultados desta pesquisa se aproximam dos resultados encontrados na oralidade nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul, as quais apresentam percentuais acima de 90% de uso do modo imperativo associado à forma indicativa e se afastam dos resultados da região Nordeste. Na fala da Vitória/ES, com base nos dados do PortVIX, encontramos um percentual de 97% de uso do imperativo associado à forma indicativa, contexto de quase invariância. Esses dados confirmam os resultados de outras pesquisas sobre a variação do imperativo brasileiro, de que o aspecto geográfico é decisivo na alternância do imperativo, não sofrendo influência de marcas sociais como outras alternâncias, como, por exemplo, concordância nominal e verbal. Foi possível verificar mais uma vez que a relação entre os pronomes *tu* e *você* e o imperativo gramatical não é muito evidente nos

dados de fala analisados, visto que, na cidade Vitória, onde o contexto é exclusivo de pronome *você*, há predominância do uso do imperativo associado ao indicativo.

Além de comprovar a variação diatópica do imperativo no português brasileiro, a pesquisa evidenciou que a estrutura negativa é um fator que desfavorece o uso do imperativo associado à forma indicativa, fato observado em todos os corpora analisados nesta pesquisa. Isso significa que, em termos de tendências, o resultado confirma a tradição gramatical que prevê em estruturas negativas o uso do imperativo associado à forma subjuntiva.

Na escrita sem formato de diálogo, confirmamos os resultados de Scherre (2003; 2004; 2006, 2007, 2008) de que o uso do imperativo associado à forma indicativa ocorre predominantemente com a presença das âncoras discursivas (balões, pontos de exclamação, vocativos, ou ícones que remetam a fala) com o peso relativo robusto de 0,98 favorecendo as formas imperativas associadas ao indicativo quando há âncoras discursivas. A ausência de âncora discursiva desfavorece o imperativo associado ao indicativo com um peso de 0,33. A diferença entre estes dois fatores é grande: 65 pontos.

Com a análise da escrita em formato de diálogo, com base nos dados identificados nas tirinhas de *Marly, a solteirona*, nosso objetivo principal foi o de verificar se, num espaço temporal de aproximadamente 35 anos, houve a inserção do imperativo associado à forma indicativa na escrita, caracterizando uma mudança em progresso nessa modalidade. Contudo, o autor Milson Henriques não reflete nas tirinhas o uso do imperativo observado na fala da cidade de Vitória/ES. Mesmo diante desse fato, o interessante foi perceber que *Marly* se configura, no que diz respeito ao imperativo, como a personagem mais capixaba das tirinhas, pois o peso relativo de estruturas imperativas associadas ao indicativo na voz da personagem foi de 0,560.

Na análise dos dados de mídia, ao analisarmos a presença ou ausência do diálogo, constatamos que esse é um fator que favorece fortemente o uso do imperativo associado à forma indicativa. Mesmo se tratando de uma fala mais planejada, como é o caso dos jornais televisivos, nas situações de diálogo face-a-face a tendência é favorecer as sentenças imperativas associadas ao indicativo, fato também percebido por Lima (2005) na análise da mídia da cidade de Campo Grande /MS.

Por fim, devemos ressaltar que esses fatores somente apresentaram efeito quando analisados sob foco da interação social, pois foi a observação da interação do evento comunicativo que nos possibilitou controlar determinadas variáveis em quatro corpora a fim de entender melhor as restrições e motivações da alternância do imperativo em situação de uso, ou seja, em eventos comunicativos, sejam falados ou escritos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Weinreich, Uriel; Labov, William; Herzog, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. (Tradução de Marcos Bagno; Revisão Técnica e apresentação de um clássico de Carlos Alberto Faraco; Posfácio de Maria da Conceição A. de Paiva e Maria Eugênia Lamoglia Duarte). São Paulo: Parábola, 2006 (Original publicado em 1968).
- [2] WEINREICH, Uriel, LABOV, William; & HERZOG, Marvin I. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. **Directions for Historical Linguistics: A Symposium**. Austin: University of Texas Press, 1975, pp.95-199.
- [3] PINTZUK, S.. **VARBRUL programs**. 1988, inédito. sampaio, D. A. **Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Letras). Salvador: UFBA: 2001.
- [4] SANKOFF, David. Sociolinguistics and syntactic variation. In: Newmeyer, Frederick J. (Ed.) **Linguistics: the Cambridge survey**. Volume IV (Language: the socio-cultural context). New York, Cambridge University Press, 1988.
- [5] SANKOFF, D., TAGLIAMONTE, S., SMITH, E. **Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.
- [6] MOLLICA, M.; BRAGA, M. L. (Orgs.) **Introdução sociolinguística – o tratamento da variação**. 3 ed. São Paulo, Contexto, 2007.
- [7] TAGLIAMONTE, Sali A. **Analysing sociolinguistic variation**. Cambridge: University Cambridge Press, 2006
- [8] GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.
- [9] YACOVENCO, Lilian Coutinho. O português falado na cidade de vitória: transcrição de entrevistas. Lilian Coutinho Yacovenco (DLL/UFES). **ABRALIN: Boletim da Associação Brasileira de Linguística, número especial 26**, Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 2001 (publicado em 2003), p.301-303. ISSN 0102-7158.
- [10] SAMPAIO, D. A. **Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Letras). Salvador: UFBA: 2001.
- [11] SCHERRE, Maria Marta Pereira et alii. Phonic parallelism: evidence from the imperative in Brazilian Portuguese. **Papers in Sociolinguistics**. N.WAVE-26 à l'Université Laval (Québec): Nota Bene. 1998. p. 63-72.
- [12] SCHERRE, Maria Marta P.; ANDRADE, Carolina Queiroz; MELO, Fernanda Gláucia de M. **O imperativo gramatical na escrita não-dialógica - o papel das âncoras discursivas no português brasileiro**. 2009. XV Congresso Internacional da ALFAL; Universidad de la Republica. (Comunicação). De 18 a 21 de agosto de 2008; Montevideo (Uruguai).
- [13] SCHERRE, M. M. P. Norma e uso na expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. In: SILVA, Denize Elena Garcia; LARA, Gláucia Muniz Proença; MENEGAZZO, Maria Adélia (orgs.). **Estudos de linguagem: inter-relações e perspectivas**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2003. p. 117-191.
- [14] \_\_\_\_\_. Normas e usos: o imperativo no português brasileiro. In: DIETRICH, W.; NOLL, V. (Orgs.) **O português do Brasil: perspectivas da pesquisa atual**. Madrid: Iberoamericana, 2004. p. 2331-260.
- [15] \_\_\_\_\_. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança linguística na escrita de revistas em quadrinhos. In: VOTRE, Sebastião

- RONCARATI, Cláudia. **Antony Julius Naro e a Linguística no Brasil** – uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: FAPERJ/7Letras, 2008, p. 306-319.
- [16] CARDOSO, D. B. B. **Variação no uso do modo imperativo**: análise de dados em textos de José J. Veiga. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2004.
- [17] ] ANDRADE, C. Q.; Melo, F. G. de; Scherre, M. M. P. História e variação linguística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. **Finos Leitores**. Brasília: Jornal de Letras do UniCEUB. Ano 3, número 1, agosto de 2007. Disponível em <<http://www.uniceub.br/periodicos/default.asp> > Acesso em: 20 Ago. 2008.
- [18] CARRETA, Álvaro Antonio. A forma da canção nas esferas discursivas. In: **Estudos Linguísticos**. São Paulo 37 (3) 17-24, set-dez. 2008. Disponível em: <[http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL\\_V37N3\\_02.pdf](http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N3_02.pdf)> Acesso em 15 Mar. 2010.
- [19] SCHERRE, M. M. P. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. In: **Alfa**, São Paulo, 51 (1): 189-222, 2007.
- [20] \_\_\_\_\_(2002). A norma do imperativo e o imperativo da norma – Uma reflexão sociolinguística sobre o conceito de erro. In: BAGNO, Marcos (org.) **Linguística da Norma**. São Paulo: Loyola, p. 217-251.
- [21] PAREDES SILVA, Vera L.; SANTOS, Gilda Moreira dos; RIBEIRO, Tatiana de Oliveira. Variação na 2ª pessoa: o pronome sujeito e a forma do imperativo. **Revista Gragoatá**. Segundo Semestre. Niterói: Rio de Janeiro, 2000.